



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8084 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

A PRÁTICA MEDICALIZANTE NOS CURRÍCULOS E A GARANTIA DA PEDAGOGIA DIRECIONADA PARA O GRUPO

Rhaissa de Alvarenga Coelho Martins - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A PRÁTICA MEDICALIZANTE NOS CURRÍCULOS E A GARANTIA DA PEDAGOGIA DIRECIONADA PARA O GRUPO

Este trabalho tem como base os resultados de uma pesquisa de mestrado que se constituiu como um estudo sobre o que os currículos – de duas escolas de Belo Horizonte (uma da rede pública municipal e outra da rede privada) – fazem com os/as alunos/as diagnosticados/as com o Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH) e com aqueles/as que estão sob suspeita de um diagnóstico, bem como o que as crianças fazem com o currículo. Este trabalho objetiva mostrar como funciona a *prática medicalizante* no currículo das escolas investigadas. O argumento desenvolvido é o de que uma *prática medicalizante*, que é demandada na articulação do *discurso médico* com o *discurso pedagógico* e o *discurso da psicologia*, funciona produzindo o raciocínio de que a medicação, como ato de tomar remédios, é um pré-requisito para que a aprendizagem das/os alunos/as diagnosticadas com TDAH seja otimizada e a “pedagogia direcionada para o grupo” (GOODSON, 1995, p. 41) possa funcionar.

Para desenvolver esse argumento e apresentar os resultados de pesquisa, utilizei uma composição metodológica entre elementos da etnografia educacional pós-moderna, tais como: observações no cotidiano da escola; leitura e análise dos diferentes textos escolares; observação das aulas com registro em diários de campo; observação dos/as estudantes em outros espaços da escola; entrevistas e conversas informais com professores/as, estudantes e coordenadores/as das escolas; e análise do discurso de inspiração foucaultiana. No que diz respeito ao referencial teórico, este trabalho operacionaliza noções e conceitos do campo curricular pós-crítico e dos estudos de Michel Foucault.

Tomando como base essa perspectiva teórica, compreendo currículo como um espaço de governo e de subjetivação. O currículo é, nesse sentido, uma “linguagem, na qual as palavras usadas para nomear as coisas, os sujeitos e o mundo são produzidos em relações de poder e tem efeitos sobre aquilo que nomeia” (PARAISO, 2007, p. 94). Nessa direção, o currículo é aqui entendido em seu aspecto “construcionista” (PARAISO, 2007, p. 94), já que o entendemos “como produção, como criação, como trabalho e menos como produto”

(SILVA, 1999, p.17). No currículo, os modos de subjetivação são constituídos com o objetivo de produzir, estimular e administrar subjetividades, o que acaba “moldando desejos [e] buscando maximizar as capacidades intelectuais” (ROSE, 1999, p. 34).

O currículo, entendido dessa forma, está envolvido com os “modos pelos quais” os/as estudantes “se produzem a si mesmos e são produzidos” (LARROSA, 1994, p. 43), por meio de práticas discursivas e de poder que os/as atravessam e os/as constituem. O currículo é modo de subjetivação, artefato que produz subjetividades das mais variadas e, por isso mesmo, produz a posição de sujeito que aqui nomeio como “aluno otimizado para o aprender”.

Aluno/a otimizado/a para o aprender, conforme identifico no discurso pedagógico que circula nas escolas pesquisadas, é aquele que presta atenção nas aulas, escuta e atende aos comandos do/a professor/a, fica em silêncio quando o/a professora solicita, não se movimenta durante as aulas, não perturba os colegas e demonstra vontade de aprender. De acordo com Rose (2011) a “otimização” se dá tanto para o estudante tido como “normal” quanto para o/a estudante que é visto e produzido como “anormal”. No caso do/a aluno/a considerado/a “anormal”, como é o/a aluno/a diagnosticado com TDAH, otimizar significa corrigir certos desvios considerados anormais, de modo a adequá-lo/a a um tipo específico de sujeito que a pedagogia considera ideal para o ensino-aprendizagem. No currículo investigado, intervêm-se nos corpos dessas/es alunos/as com TDAH mediante a diferentes prescrições médicas. Com o uso da medicação, que funciona, tanto para normalizar e regular como para facilitar o ensino pelos/as professores/as, espera-se dar aos indivíduos uma “melhor chance” de se inserir na “pedagogia direcionada para o grupo” (GOODSON, 1995, p. 41). Já em relação ao/a aluno/a lido/a como “normal”, otimizar significa aprimorar certas habilidades que recebem no *discurso pedagógico* um certo prestígio. Esse prestígio diz respeito aos atributos que o estudante deve ter para se manter ou se destacar nesta pedagogia, tais como: inteligência, obediência, quietude, entre outros. Quer-se, nesse sentido, por um lado, aumentar as “capacidades corporais, ampliando assim, a capacidade dos corpos normais” (ROSE, 2011, p. 17) e, por outro lado, produzir as capacidades corporais dos/as considerados/as “anormais”.

Nas escolas investigadas, o discurso pedagógico não só autoriza o uso da medicação, como também mobiliza procedimentos e aciona mecanismos que agem com o intuito de garantir um corpo medicado. Isso se dá porque há nos dois currículos investigados o pressuposto de que o/a aluno/a apto para o aprender é o quieto, atento, o que escuta, o disciplinado e o que atende às demandas dos/as professores/as. Então, quando há um/a estudante que escapa a esse padrão, os/as professores/as buscam soluções, sobretudo se esse/a aluno/a tiver uma prescrição medicamentosa. Nesse sentido, os/as professores/as das escolas investigadas se apegam à medicação, como se o remédio fosse resolver os problemas que esses alunos/as provocam em suas práticas pedagógicas. Trata-se, portanto, de um entendimento, produzido no currículo, de que o corpo medicalizado é um corpo quieto, atento e obediente e, por isso, está mais apto para o aprender.

Contudo, mostro que esse processo não se dá sem resistência, já que há nesses currículos o funcionamento da *estratégia da subversão da medicação*, que age de modo a dizer não à prática medicalizante. Há tanto a recusa dos/as estudantes em não tomar o remédio, como há também a ação dos/as professores/as em preferir que os/as alunos/as não estejam sob o efeito do remédio em suas aulas, por considerar os efeitos da medicação “ruins” para o/a aluno/a. Nesse sentido, o governo dos/as estudantes nem sempre é eficiente. Evidencio as suas falhas e as suas diferenciações nas estratégias de governo utilizadas nos currículos investigados.

Este trabalho mostra, portanto, que há nos currículos investigados práticas de poder

que operam para medicalizar os/as estudantes diagnosticados ou sob suspeita de um diagnóstico de TDAH, de modo a garantir o funcionamento de um tipo de pedagogia direcionada ao grupo. Entretanto, conforme aprendemos com Foucault, “não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga” (FOUCAULT, 2009, p.293-294). Nos currículos pesquisados, essas resistências estão em toda parte, apontando para as possibilidades sempre abertas de um currículo e do fazer curricular.

Palavras-chave: Currículo. Medicalização. Governo. Resistência.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder.** In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 231-249

GOODSON, I. **Etimologias, epistemologias e o emergir do currículo.** Currículo: teoria e história Petrópolis: Vozes, 1995, p. 29- 44.

LARROSA, J. **Tecnologias do eu e educação.** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86

PARAÍSO, M. **Currículo e mídia educativa brasileira:** poder, saber, subjetivação. Chapecó/SC: Editora Argos, 2007.

ROSE, N. **Power of Freedom:** Reframing Political Thought. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1999.

_____. **Biopolítica molecular, ética somática e o espírito do biocapital.** In: SANTOS, Luis Henrique Sacchi; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org). **Corpo, gênero e sexualidade:** instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida. Rio Grande: FURG, 2011.

SILVA, T. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

